

QUINTA-FEIRA
Lisboa-- 14 de Outubro - 1926

5 TOSTÕES



sempre
five semanário
humorístico

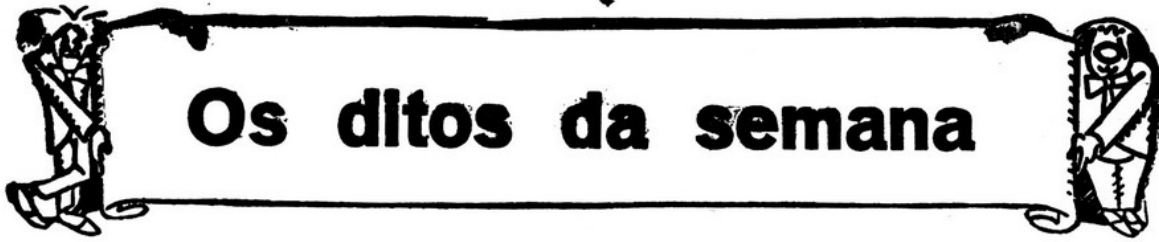
Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

O sindicato de Santo Amaro, amarissimo para os vendedores de jornais





Os ditos da semana

A um homem do nosso tempo que ocupa uma posição de destaque na sociedade portuguesa chamam, pela doçura das suas falas e pela correcção das suas maneiras — «o homem das batatinhas côr de rosa».



Hoje, quinta-feira, a lua aparece em quarto crescente. Segundo o critico astronomico do *Diario de Noticias*, a lua anda muito baixa, na constelação de Sagitario, que é um menino rechonchudo, com um cestinho de setas a tiracolo.

Mas lá para o fim da semana, a lua andará mais alta. E no sabado, ás onze e meia da manhã, estará em conjunção com Jupiter, isto é, em quarto independente.

Acrescenta o sabio planetario:

«Evidentemente, a essa hora não poderemos ver nem um nem outro...»

Pois claro que não. Talvez o leitor quizesse ver a lua aconchegada nos braços de Jupiter Tonante, a dizer-lhe ao ouvido:

—Mais devagarinho, meu amor!



O «diácono» Paris Manoel, que andava recolhendo donativos para uma obra de caridade, continua preso no Governo Civil. Dizem as gazetas

Dialogo moderno



—Deixo-te o meu marido...
—Pódes levar-o, queridinho! É objecto de pouco uso.

que este falso padre assiriocaldeu, em virtude das interrogações policiaes, será posto na fronteira.

O preso lamenta-se por achar insufficiente a quantia de duzentos escudos para alcançar as margens do Eufrates, onde floresceu a gloria dos reis da Assiria. O touro alado que era em tempos remotos o simbolo da magestade entre os grandes senhores da Mesopotamia, acabou por servir de simbolo a um *escroc* —tal como a corôa de loiros que cercava a fronte de Homero serve hoje de distintivo no humbral duma taberna.



Mussolini voltou-se agora contra a Turquia. O Duce pretende uma esfera de influencia nas costas turcas da Adaliana. Mas parece que esta senhora não está disposta a deixar influenciar a esfera.



Outra informação astronomica:

«Venus, que ha tantos meses vemos embelezar o céu da

madrugada, vai rapidamente perdendo a sua preponderante situação... Mercurio passou a ser estrela da tarde...»

Quere dizer: quando Venus deixa de brilhar no firmamento, tem a palavra Mercurio, que anda perto de Saturno, na constelação da Libra. Apesar da intimidade que existe entre eles, Venus vai-se afastando lentamente de Mercurio, para se aproximar de Bismuto.



Passou no domingo mais um aniversario da Republica China. Confucio embandeirou em arco e pôs luminarias na fachada do pagode. Mas, já como cá, ha rabichos que não se cansam de dizer: «Não era esta a Republica que eu sonhava».



Uma portuguesa, acometida pelas dôres da maternidade na gare do Quai d'Orsay, foi transportada ao hospital, onde deu á luz uma creança do sexo feminino, que se ficará chamando Maria d'Orsay.

Grandezas dos pobres



—Que estás a comer?
—Fava rica!
—Ainda não perdeste a mania das grandezas.

Eis uma menina que, ao entrar em Portugal, chegou, realmente, numa condessinha de Paris.



A America exagerou de tal modo as calças «mah-jong» que, em vez de calças, parecem saias. Os meninos que as usam mostram-se felizes, como se a inversão da moda fosse a coisa mais natural deste mundo.

Por sua vez, a mulher masculiniza-se. A *Garçonne*, de Victor Margueritte, já parece aos nossos olhos um modelo do seculo passado. Hoje, a mulher da moda já não é a *Garçonne* — é a *Cambronne*.



No seculo do *jazz-band*:

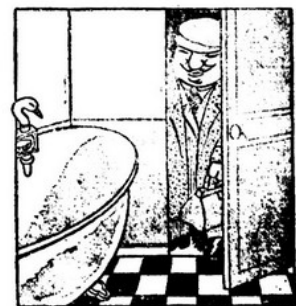
—Aquela menina parece mesmo um brinquedo de Saxo.

—Pois é. Um brinquedo de Saxo-ofone.



Dizem que nalgumas terras da provincia os democraticos estão satisfeitos com a actual situação politica, e se não aderiram ainda é porque tem medo do que eles chamam «a hipotese de um revirralho». Neste capitulo, o sr. dr. João Camoesas dá prova de uma coragem civica que a seu tempo ha de ser reconhecida.

Regressa de Cascais



—Já não era sem tempo. Vou enfim tomar um banho!

Humorismo de hoje

Minha Senhora:

Não a vi no ultimo baile da Parada, e confesso que até a orquestra me pareceu massadora, e as mulheres lindas que fazem de Cascais a nossa mais linda praia surgiram aos meus olhos somsaboronans.

Queria que você acabasse do me contar a deliciosa historia que ha dias me esboçou no Guincho e que dava um capitulo a qualquer humorista que estivesse para a nossa epoca como Eça de Queiroz esteve para a sua.

E já que falámos num escritor cujo ferro em braza marcou o seu tempo com o sinal indelevel do ridiculo, permita-me você que lhe diga a minha opinião sobre umas frases que são já lugares comuns, tanto as repetem, a proposito de tudo e de nada:

— Ah! se o Eça existisse! Que bela pagina para o Eça! Esborrachava-os a todos pelo ridiculo!

Ora, é preciso que ponhâmos as coisas no seu lugar:

Eça de Queiroz, se existisse hoje— não escreveria. Não escreveria, pelo menos, sobre a sociedade que o rodeia e que alguém justamente classificou de *sociedade de socorros mutuos*—tal intercambio diario de dinheiro e de mulheres que verifica todo aquele que tiver olhos e quizer vêr.

A sociedade que o Eça cauterizou era ridicula. E mesmo assim, ele teve que lhe exagerar os pôdros e os fracos.

A sociedade de agora não é ridicula. E' miseravel.

Miseravel em toda a plenitude do significado que a palavra comporta. Miseravel, porque não tem vinte: Miseravel, porque não tem vergonha. Duma sociedade como esta, não ha que escrever. Ha que fazer sobre ela o que os cães fazem nas covas—e passar adiante...

Outro nome que é tambem citado é o de Rafael Bordalo.

Como se o nosso tempo fosse digno da *Parodia!* Se o *Pimpão* acabou por ser bom demais para esta gente!

O unico jornal que estava mesmo a calhar para a nossa epoca, e que foi uma injustiça deixar morrer á mingua, era o *Bidê*.

O *Bidê*—era um simbolo. E depois, havia esta enorme vantagem: é que o *Bidê* lava tudo—e estes tipos teem tanto que lavar!...

De quando em quando, lá aparece, no meio de tanta porcaria, uma pagina humoristica, como a historia não me acabou de contar... Nessas alturas, respira-se. Mas, em breve, os miasmas nos envolvem e nos sufocam o riso.

Ha criaturas superiores, como você, que marcam notaveis excepções. São elas que nos tornam ainda, de certa maneira, suportavel esta vida hedionda que nós levamos como uma cruz impossivel de scudir!...

So não fossem essa pequena elite de almas e as lindas raparigas frescas como cerejas que enchem do perfume e de alegria esta nesga da Extrema Europa, palavra que valia a pena escrever um manifesto contra o sr. Ferreira do Amaral, só para sair a barra com *carta de prégo*...

Um como ha multos.

O OUTONO

Antologia dos escritores e poetas da nova geração

Sempre fixe, em obediencia ás tradições do seu bom nome, não pode ficar indifferente á atitude pouco correcta do Outono, que miseravelmente faltou este ano á sua palavra para com o venerando «Borda d'Agua».

Assim resolvemos enviar uma circular aos escritores e poetas da nova geração, solicitando das suas preciosas penas a evocação sentida dum Outono, quando ele fazia parte dos caracteres que não faltam, dos autenticos «fixes».

Publicamos hoje, com a devida vénia, as primeiras respostas que nos foram enviadas:

«O Outono é uma estação, uma estação ferro-viaria, onde o sol afrouxa a marcha para meter agua.

Gabriel d'Anunzio e eu adoramos o Outono, porque ele é estação, estação que é entreposto, entreposto onde a melancolia é empacotada para seguir para as vitrines, as vitrines dos livreiros, dos livreiros que publicam os belos livros, os belos livros de Outono...»

Antonio Ferro.

«No Outono, a luz é besta, a luz é espasmo, a luz é Sodoma em verrtiggens.

O sol chega até nós muito cansado, sem forças, exausto na luta delirante dos planetas em verrtiggem, abandonando-se ás maximas volupias.

E' bestial! E' verrtiggem! E' verrtiggem e Eu!...»

Raul Leal.

«Oh! O Outono, todo debrudivinho a ouro velho, evocando a luz palida das catedrais, onde passam as mulheres-sombra, as mulheres-abismo, princezinhos nostalgias, perfis recortados em iris de petulancia e que depois se esvâem em delirios róxos.

Adoro o Outono, em que o sol é anemico... Pobresinho!...»

Artur Portela.

«Lisboa, no Outono, atingo a suprema beleza dum *chef-d'œuvre*.

O sol, esmaecido, comunica aos edificios e monumentos uma *patine* de civilização. No Outono sentimo-nos mais europeus e mais proximos duma civilização, em que a publicidade atinge tais recursos de modernismo que poderemos vêr todas as semanas o nosso nome e retrato em cartazes luminosos.

Correia da Costa.

«No Outono, a Natureza é cheia do imprevisto. Talpeta do segredos e tentações. A sua melancolia tem um sabor perturbante. As arvores perdem o pudor, deixam cair as folhas. Lembram perfis de adolescentes.

Estremece a paisagem, no esforço de conter o grito da Natureza historica, da Natureza que quero ser contrariada.»

Antonio Bôto.

«Outono!... Passam no céu enovoados rondas de bruchas, e, quando chove, até os policias, embaçados, lembram astrologos da idade média...»

E' tudo vago, imaterial, impreciso. Será num amanhecer do Outono, quando os sinos tiverem o som de lata velha, que o Encoberto virá, revelando aos portugueses a realidade transcendente do Quinto Imperio...»

Ferreira Gomes.

«E' preciso que os burgueses saibam compreender o significado sociologico das tardes do Outono.

Ha no Outono poentes que lembram clarões de forja onde se moldasse um mundo novo.

Sobom ao céu em crispações vermelhas os gestos dos oprimidos.»

Mario Domingues.

Humorismo lá fóra

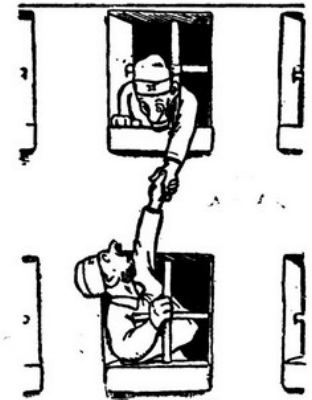
No "rapido" do Porto



Ela—Meu Deus! Em que dansa tu me meteste!...

Ele—O' filha! No expresso do Porto, dans-a-se sempre o Fox-shimmy-trot-charleston S. Bento!...

Na cadela



O 1.º prisioneiro: — Sempre é esta noite que te «invades»?

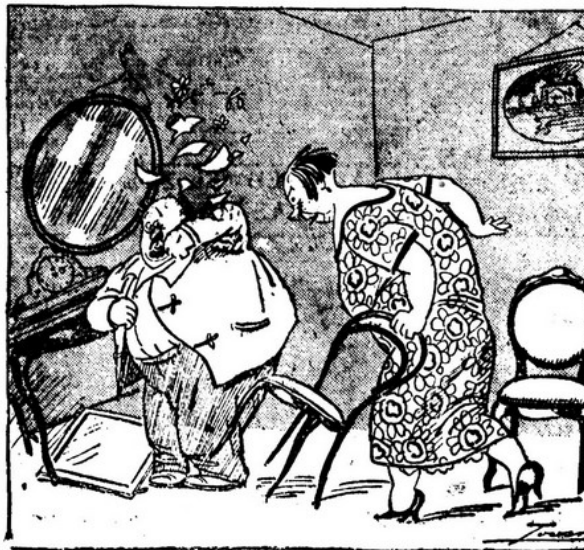
O 2.º—Sim... Já preveni o nosso director.

A França e a Alemanha



—Que linda rapariga.
—Este militar não é de todo antipatico.

Uma alma piedosa



—O que te vale é eu pertencer á Protectora dos Animals!

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O *Sempre fixe* ainda chegou a tempo para o tal escandalo que eclodiu, inesperadamente, ha dois dias, num teatro de revista, de Lisboa. L. C., que ha pouco regressou do Brasil, depois duma *tournee*, onde os seus meritos de artista nem sempre brilharam, como compete a uma *castrêla*, resolveu abandonar o teatro, devendo a esta hora ter partido para Paris.

Razões do seu gesto?
Desgostos do publico não ter compreendido tão esclarecido talento, derivando os aplausos que lhe cabiam para o magnifico trabalho das suas colegas H. L. e A. S.?

Vontade simples de passear, no estrangeiro, fugindo a complicações de toda a ordem?

Não o sabemos!
Diz-se apenas que L. C. segue viagem, o que destrói qualquer suposição romantica — acompanhada duma senhora, e esta dum magnifico Lulu, de raça.

O. G. F. ainda não sabe se entra no Gimnasio. O martir S. Sebastião está erivado de setas. Esperará o santo que se dê o milagre da cura, para depois estabelecer a epoca, dando ao Gil as chaves do castelo?

DIZ-SE que a actriz E. L. vai fazer, brevemente, no T. P., em festa artistica dum actor, a peça *A Triste Feia*.

Eis um titulo que não condiz com a interprete.

O JORNALISTA T. M. tem uma peça, *Gente de teatro*, que será representada, este ano, no T. P.

Para que uma peça? Não seria melhor deixar os artistas representar á vontade? Mesmo que não houvesse 1.º acto, o ultimo era com certeza um successo... de intriga ou de vaidade.

«GALA precisa-se para duas companhias de comedia, já formadas. Boas referencias e alguma elegancia.»

Numa terra em que ha tantos artistas, é para admirar um anuncio destes!

A COMPANHIA L. S.-E. B. bate o record dos casamentos. A ideia não deixa de ser má e deve ser até um optimo auxiliar de disciplina e de concordia.

Será por isso que o S. D. só representa papeis de celibatario?

DIZ o *Diario de Lisboa*:
T. G.—P. B.-G. F.
T. T.—L. S.-E. B.
T. N.—A. C.-B. B.
T. P.—I. S.-A. A.
T. C.—A. R. C.-R. M.

E se todos estes nomes formassem uma unica companhia!

So assim fosse, estava resolvida a crise teatral e a crise do publico. Aconselhamos!

USA-SE muito, em determinados meios, a carta anonima. O pior é que elas trazem sempre o rótulo do autor. Embora nos repugno esse elegante processo, devemos dizer que é interessante. A seu tempo descobriremos, convenientemente, os patifes para lhes fazermos o devido auto-de-fé.

Não se esqueçam! Nós, tambem não!

O M. V. fechou as suas portas para ensaios do *Pistóira*.

Quando ele abrir, é possivel que haja fogo em casa dos visinhos...

O «Cabaz do Morangos» continua refrescando o publico desta secca diaria do pessimismo. O numero principal é a «Espiga», que afinal a revista não teve.

Todos os dias vai á debulha e sempre a deitar caroço...

V. B. quero a *Casca Encarnada*

no T. P., onde ella viu a luz da ribalta, quasi em frente do verdadeiro local onde a acção se passa.

Afinal tudo é teatro—na vida e no palco. Corre-se a cortina e appareo o drama.

CONSTA que ha escandalos de sensação. Palpitantes...

Se elles vierem a publico, faremos a devida referencia. A publico, sim, que apesar da nossa causticidade, prezamo-nos de ser correctos e leais.

V. B., autor do *Octavio*, tem uma peça para este ano.

Inimigos—assim se chama. Esperamos que a batalha não seja dura e que V. B. saiba alcançar tanta gloria como Napoleão no anoitecer de Iena...

VEM ahi a companhia do Ba-Ta-Clan. É uma exposição moderna de nú, que traz apaixonados muitos lisboetas respeitaveis.

Entre a saudado dum desembarquo e duma partida, quantos numeros se podem fazer?

O melhor é evitar as repetições!

O Homem das 5 horas

O "Sempre Fixe" na Figueira



Alvaro Andrade, Erlco Braga, Luiz Alcaçovas, Dr. Botelho, Charles Black, Dr. Jardim

CANÇÃO NACIONAL

Os fados dos bairros

O fado do Bairro Alto

(Ao velho amigo Julio Pires)

Mote

O fado do Bairro Alto
vem do tempo do rufia,
da chinelinha de salto
e da noífa lúsidia.

Glosas

Foi do amor por dinheiro
e dum saia gomada,
duma cabeça lustrada
com velas banha de cheiro,
do fadista desordeiro
que riscava no asfalto,
da policia o sobressalto,
d'arruinada fidalguia,
que appareu á luz do dia
O fado do Bairro Alto,

E' d'antiga geração,
da melena na guedilha,
do cigarro atrás da orelha
e dos passos á gingão,
do petroleo que alumia,
da cortina corredia,
mais d'ouvir o pist... pist...
que, assim, esta moda triste
vem do tempo do rufia.

Vai este fado inconstante
faz um dia uma viagem
e lá foi, com a bagagem,
para um bairro mais distante. (*)
Viu lá a mulher galante
num cio falso de cobalto,
do amor esp'rando o assalto,
da riqueza no ancio,
mas, no pé, o igual recheio
da chinelinha de salto,

Viu diamantes a brilhar,
esqueceu velhos negrumes
e hoje tem raras perfumes
dentro do seu boudoir
tem pr'ás unhas polissioir
e, p'la banza que gemia,
quiz, do jazz, a melodia,
cujo luzo não redime
o ter nascido do crime
e da noífa lúsidia.

(*) Sem allusão a determinada
parte do Bairro Camões.

Reporter B.

PERFIS POPULARES ALFACINIAS

Quem será?

Dr. H... de C...

Punhos salientes, botas de verniz,
de materias varias é explicador,
tem a pose bela dum conquistador,
ginga vertical e tem o andar em X.

Tem uma rosefa de claro matiz,
tal e qual a roda grande dum motor,
que lhe dá direito ao grau de Sgr doutor,
essa tal crachat, segundo ele diz...

Traz de o rapazote ao tipo mais meudo,
sendo seus discipulos, não lhe dão tra-
balho,

E se algum aluno é da bola facho,
faz na Heroína da Rotunda um 'studo,
dahi qualquer burro passa a ser um alho...

Historia estupefacta

DUM

estupefacciente

Antigamente, quando só havia estupidos e estupefactos e não havia ainda estupefactos, quem queria espalhar maguas, esquecer um desgosto, tomava uma bebédria.

Não se conhecia remedio melhor. Mal o vinho descia ao estomago, logo subiam as ideias risonhas ao cerebro. Era um interessante sistema de alcantuzos, cuja originalidade consistia na dispensa do burro. E que a receita era de resultados absolutamente seguros não havia duvida alguma, tendo nós proprios assistido muitas vezes a demonstrações praticas da sua efficacia. Um amigo nosso que tivera a desgraça do perder a mulher... numa companhia de opereta, vitimada por um habitué da primeira fila de fau-feutis, tendo começado por ver tudo encarnado, e passado, pouco depois, a ver tudo negro, sentia uma grande necessidade de desabafar, de conjurar a dolorosa crise em que vivia, de ver tudo cor de rosa. Pediu conselho a uma bruxa. A mulher deitou as cartas e disse-lhe:

—Beba vinho do tinto. Beba muito, beba sempre até cair, que o espirito levanta-se e vê tudo cor de rosa.

Ele assim fez. Comprou uma pipa de palheiro e, metendo-se em casa, foi metendo o vinho no bucho...

Duas horas depois, jazia estendido no chão, com um «jazz-band» nos ouvidos, e via tudo em sua volta tão cor de rosa como o proprio palheiro que não tivera tempo de digerir e o estomago dovelvera intacto ao encerrado do soalho. Tudo cor de rosa, mas tudo muito sujo.

Quando o nosso amigo regressou á realidade, muito aborrecido e machado como a gente volta sempre de uma viagem ou de uma romaria, compreendeu que aquilo não era vida, porque era uma porcaria. Consultou então a esposa dum abalizado clinico, que lhe forneceu um «stock» de assistaturas do marido, convenientemente falsificadas, para elle adquirir todos os estupefactos que lhe apetece-se.

O infeliz marido desatou a coar todos os livros do medicina que poude apanhar e, num deles, cocou a cocaína. Anto-receitou-se e tomou cocaína. Teve visões e foi feliz. Via-se nos braços da esposa, fruindo doces

caricias ao som das «lutas», que ella cantava deliciosamente. Um dia, aborrecido da cocaína, atirou-se ao opio e novas delicias tornou a gosar. Depois, para variar, usou a morfina, que o remetia aos braços de Morfeu, onde se encontrava igualmente com a cara-metade—metade, porque o resto pertencia por direito de conquista ao habitué da primeira fila.

Finalmente, insensibilizado pelo habito, teve de pôr de parte todos aqueles estupefactos e adoptar o pontapou. Ao mesmo tempo que lhe prodigalizava deliciosas visões, o pontapou fazia-o imaginar-se correndo a pontapé o habitué da primeira fila e essa illusão era-lhe extremadamente lisonjeira. Tirava um desforço, vingava-se. A breve trecho, porém, já o pontapou não dava resultado algum. Tinha-se habituado, insensibilizara-se. Podia ingerir um quilo de pontapou que a cabeça ficava na mesma: tudo negro, tudo pesado.

Então, o nosso amigo, que ainda não tinha perdido inteiramente a faculdade do raciocinar, disse com os seus botões, ou pelo menos com a materia de que eles se fazem:

—Pois se a cabeça, á força de habito, fica sempre na mesma, para que estou eu a ralar-me o a dar cabo da saúde? Nada. Assim como n.º habituei á cocaína, á morfina, ao opio e ao pontapou, tambem me posso habituar ao habitué da primeira fila. Em todo o caso, guardo a receita.

Assim fez, e para a semelhança ser completa, guardou tambem a mulher, mandando-a regressar ao lar. E, como tambem se usa com os estupefactos, recomendou-lhe que fosse aumentando a dose do habitué da primeira fila, a ver se produzia efeitos.

Foi a felicidade que lhe entrou em casa. Aquello casal, que nunca tivera filhos, viu passado pouco tempo surgir um formoso rebento, filho legitimo dos estupefactos. O pai, estupefacto, chamou-se mil vezes estúpido, exclamando em altos gritos:

—Que terei eu na cabeça que vejo agora tudo cor de rosa?

E respondeu-se que a policia ando por ahí estupidamente á caça dos estupefactos!...

João Coca.



BRIC-À-BRAC

PLATAFORMAS...

«Noticias», que é dos jornais
Que bem informa os leitores,
Se ocupa, como os demais,
Da briga entre os condutores
E os garotos dos jornais.
Essa questão infeliz
Termina num breve praso,
Que a direcção da Carris
Busca, segundo ele diz,
A «plataforma» p'ró caso.
Já dúvidas me não cabem
Que essas disputas p'las ruas
Em breve e de vez acabem,
Pois, segundo todos sabem,
Cada electrico tem duas.

João Fernandes.

BASTIDORES

O chá das 5 e um quarto
(interior)Adaptação de um conto inserto
num jornal francês

—Pois, minha querida Gabriela—
diz á sua amante um empregado
do praça e drogaria, do seu quarto
interior da rua dos Fanqueiros—
é como te digo: muito folgo que vol-
tasses do Brasil uma actriz já feita.
As aptidões revelam-se e tu sempre
tivestes lume no olho...—E agora que
voltaste com um nome feio, com bri-
lhantes e dinheiro, o teu futuro está
garantido.

—E a ti, meu queridinho, hei de sa-
ber pagar os sacrificios que fizeste
por mim, desde o plantão á porta da
caixa, ás sandwiches que trazias para
a ceia.

Assim falava a Gabriela ao seu
Quim, lembrando-se de que ha meses
ainda corista do Eldorado.

A ida para o Brasil trouxe-lhe nova
forma de vida desde a manucure
ás essencias caras e á prova da moda
disto em casa... enfim todo um ro-
sario de comodidades que ella foi con-
quistar ao Rio, por o empresario não
ter levado no elenco uma figura para
fazer a Estrela d'Alca e mais um
coio rico que lá arranjou e que igno-
rava o misterio do seu quarto interior
da rua dos Fanqueiros.

—Pois, minha querida amiguinha,
o contrato que te proporcionaram é
excelente! Dois contos por mês o
toilette, hein?! Dentro de pouco
tempo serás uma actriz quasi impaga-
vel.

—Quasi impagavel?!... — retorquiu
retorquiu ironicamente Gabriela—Im-
pagavel já eu sou... Imagina que estou
ha cércua de um mês a trabalhar
e a respeito de me pagarem... nieles!...

Felisberto Lopes.

NA TABERNA ELEGANTE

O Jeronimo
da travessa da Espera

Poetas, jornalistas e escritores,
além do variado porco anonimo
que gosta de pitius com bons sabores,
reunem-se na Casa do Jeronimo.

Jeronimo tem nome na historia
dos Cosinheiros bons da nossa era,
pois que, tendo até estado já na Gloria,
venceu a vida com a Primavera!...

O CADAVER DO TIO

Bernardo era revisor da Companhia Portuguesa. Fazia serviço entre Lisboa e Porto — e era o que se chama, em linguagem piegas de romance, uma pessoa feliz.

Sem mais família do que aquele velho tio Roque, misantropo, que vivia sózinho num quarto alugado da rua Augusta, boémio por temperamento, dava-se bem com os solavancos do comboio, com a duplicidade de residência nas duas capitais do país, e bastava-lhe o seu próprio sonho para que se emocionasse até à raiz dos nervos.

Esse seu grande sonho era pertencer um dia aos *Wagons-lits*.

—Então ficarei satisfeito. Dois dias por semana em Paris—outros dois em Lisboa, boas gorjetas—que mais posso desejar um ferro-viário?—dizia-me ele quando nos encontrávamos.

Um dia, porém, apareceu-me pallido, assustado, falava-me em suicídios e em neurastenia e em modos do enlouquecer.

—Mas porque? indaguei.
E ele explicou-me...

...Ha coisa de duas semanas, quando Bernardo chegou a Lisboa, encontrou um recado do tio Roque. Dizia assim:

*Vem o mais depressa que pudes.
Estou muito mal. Não quero morrer sem te falar.*

Bernardo correu logo para o quarto andar da rua Augusta, onde deparou com o sr. Roque, mais branco do que os lençóis do leito.

—Mas o que é isso, tio?

—E' a morte... O coração que já não quer trabalhar mais...

—Deixe-se do disparatos...

—Não me iludes. Eu bem me sinto. Não sei para quando é—mas sei que estou por pouco.

Bernardo coçou a cabeça e murmurou:

—Quem ficava aqui a tratá-lo era eu... Mas amanhã, ás nove, tenho comboio...

—Talvez não chegué até lá... Mas ouve o que to queria pedir... Como sabes, sou do Porto. Terei a pior das agonias se souber que vou ser enterrado longe da minha terra. E's capaz de suavizar-me os meus últimos momentos jurando que me enteras no Porto?

—Juro!

—Oh! Já posso morrer sossegado...

E morreu mesmo. Vinte minutos depois deixava de existir. Eras duas horas da madrugada.

Bernardo, frente ao cadáver, estava abismado na mais dolorosa das preocupações. Como iria ele resolver aquele problema?

Jurara ao tio que o enterraria no Porto, mas não possuía meios de fortuna para esse luxo. A trasladação em caminho de ferro era coisa para três contos. Onde se iria buscar?

De subito, teve uma ideia salvadora... O tio viajaria com ele... como se fosse um passageiro vivo e adormecido. Só quando chegasse ao Porto... daria pela sua morte.

E assim o pensou e assim o fez. Vestiu-o; enroscou-lhe á volta do pescoço um cachecol e, logo que nasceu a manhã, chamou um taxi, meteu o morto no automovel; levou-o á estação do Rossio; pediu o auxilio dum moço—e assim o acomodou num vagão de segunda classe.

—E' um homem que vai muito doente—explicou a toda a gente.

Quando o comboio se pôs em marcha, Bernardo começou o seu trabalho de *controlé* pelas outras carruagens.

Entretanto, um caixeiro-viajante, o sr. Inacio Gonçalves, por alcunha o *Teso* e metediço como não ha outro, ia sentar-se frente ao cadáver do sr. Roque...

Até Santarem, o sr. Inacio ia sossegado e mudo. Mas, de Santarem para cima, começou a impacientar-se. Para ele, as viagens eram como os cafés. Sem *tortulia*, sem *palestra*—rão o distraíam.

—E o diabo do homem não acaba de dormir! D'zia ele, já encolerizado.

E esperou que ele acordasse—mas esperou em vão. Passaram-se estações e mais estações... e o cadáver não voltava a si. Perto de Alfaiates, o sr. Inacio teve o seguinte raciocínio:
—O homem vai a dormir. Se calhar deixa passar a estação para onde se destina...

Quando o comboio parou, o caixeiro-viajante aproveitou o pretexto. Aproximou-se do morto e começou a acordá-lo, primeiro mansamente, depois com sacudidelas violentas.

—O' cavalheiro... cavalheiro... Veja já se passa a terra para onde vai... Já estamos em Alfaiates... O' cavalheiro, acorde... Acorde...

E o morto nada. E o sr. Inacio, mais impaciente ainda por ter ouvido o sinal da partida, sacode-o com mais força ainda:

—Então? O' cavalheiro! Olhe que estamos em Alfaiates...

Fosse porque o comboio se puzesse em marcha, fosse porque as suas sacudidelas o apertassem com demasiada força—o facto é que o cadáver, desequilibrando-se, deixou cair o braço, e como a mão estava enclavinhada, o sr. Inacio teve a impressão que tinha recebido um sóco. E como era *teso*, indignou-se:

—O' seu miseravel: então eu ainda lhe faço o favor de o acordar e você bate-me? Pois vai ver com quem se metou.

E bumba! Foi sóco e pontapé á louca, e o pobre do cadáver rebolou contra a portinhola. E como a portinhola estava mal fechada, abriu-se e o cadáver caiu á linha.

O sr. Inacio fez-se de mil cores.

—Matei o homem! Ah! que maldito genio o meu! Sou um assassino! Um assassino!

E começou logo a pensar numa defesa que o salvasse das suspeitas, da prisão, do julgamento, da Penitenciaria. Encolheu-se o melhor que pôde no seu canto até que Bernardo, acabada a revisão, entrou no compartimento.

Não vendo, com enorme surpresa, e o maior terror, o cadáver do tio, perguntou ao sr. Inacio:

—Não viu um sujeito que vinha á sua frente?

E o sr. Inacio, muito pallido, respondeu:

—Vi, sim, senhor... Vinha a dormir. Quando, na estação de Alfaiates, o comboio se pôs em marcha, levantou-se e saiu da carruagem. Ainda o quiz impedir de cometer tal loucura e ele, zangando-se, chamou-me parvo! Calculem os senhores a cara que o Bernardo fez quando ouviu esta declaração.

O "Sempre Fixe" na Figueira



Sancho da Gama, filho, Sancho da Gama, D. Antonio Melo, o sr. Macario, Batista Duarte, Valadares filho, Dr. Valadares



Os rapazes do Vitoria, de Setubal, resolveram, no domingo, ter piada. E vai dali, exportaram para o campo de Palhavã o seu segundo team para os jogos de primeiras com que a Associação abriu oficialmente a época.

Resultado:—a primeira categoria do Carcavelinhos foi batida por 4-1.

Os directivos setubalenses estão radiantes—e já agora, em nossa opinião, não devem deter-se em tão bom caminho.

Tomando como axiomático que o score melhora na razão inversa do quadrado da categoria, o Vitoria alinhara contra o primeiro team do Sporting a sua terceira categoria—reservando o seu quarto team para derrotar o onze titular do Belenenses.

Para encontros com estrangeiros está treinando cuidadosamente o grupo infantil.

E caso se confirme a noticia da vinda a Lisboa duma equipe de profissionais ingleses, o Vitoria reserva-lhes a surpresa dum team de crianças de colo.

O Sporting e o Belenenses entreteveram-se durante hora e meia a dar pontapes numa bola—sem resultado. Entretanto escureceu.

E quando já era noite, dizem que a bola enfiou por uma das balizas.

Como se dividem muito as opiniões sobre qual dos grupos sofreu aquele goal noturno, preferimos não dar qualquer resultado para evitar controversias.

Durante este desafio, contaram-se sessenta e seis saídas da bola pelas touches—o que representa quasi um throw-in por minuto.

Esta abundancia de bolas fez num desafio em que se exibem o campeão de Lisboa e o seu mais directo competidor—mostra bem a evolução do association nacional...

E marca a tendencia que ele tem para se tornar em foot-ball externo.

Note-se que, em uso externo, ha já quem o tenha aplicado com grande exito, em fricções, no campo das Amoreiras...

Depois da travessia de Lisboa a nado, todos os jornais se referiram á proeza do veterano Djalmo Bastos, que conseguiu efectuar a prova, nadando durante perto de quatro horas.

Para fazer: ressaltar a performance, houve até quem afirmasse que ella era tanto mais notavel quanto Djalmo Bastos não tomara um unico banho em toda a época.

Ao leitor leigo isto pode parecer um atestado de hidrofobia—para não dizer pior. E para seu socego, diremos que o que se pretendia era frizar

que D. B. não tomara este ano um unico banho... do mar.

Mas isto explica tambem a resistencia do concorrente, mantendo-se perto de quatro horas dentro de agua. E' que, por compensação, resolveu tomar os banhos todos juntos.

Conta um dos ultimos L'Auto:

Durante um desafio de foot-ball do campeonato de Inglaterra, um espectador não cessava de criticar as decisões do arbitro com uma voz de trovão, e em termos pouco generosos...

No intervalo, o arbitro foi ter com ele:

—Intimo-o a acabar com as suas criticas, para não o mandar expulso. Ha um quarto de hora que eu não o perco de vista...

Resposta do espectador:

—Então já me não admiro de que o senhor não veja as faltas que os jogadores cometem!

No encontro Sporting-Benfica, nas Amoreiras, houve uma oucte, sendo os donativos recebidos numa bandeira. E pensámos logo nos sinistrados da Horta...

Mas não. O dinheiro destinava-se á celeberrima corrida pedestriana Lisboa-Porto-Lisboa, que assim vê a luz do dia sob os auspícios de prova por subscrição...

Não se tratava, pois, das vitimas do Faial—mas sim: das vitimas da marcha!

De fonte segura, chega-nos a sensacional informação de que três jornalistas da especialidade estão escrevendo de parceria uma revista em dois actos—para ser representada num dos nossos primeiros theatros, e desempenhada por gente do desporto.

Apontam-nos como numero de exito garantido:

Ducto da nataçao—por Florencio Domingues e Ryder da Costa.

O bailado das côas—por um corpo de baile de que serão primeira figuras: Varela e Joaquim Ferreira.

Um quadro de transformismo—pela familia Bermudes—com ciclismo, patinagem, hipismo, foot-ball, esgrima, marcha, tiro, jornalismo e opereta.

A Agencia Cook—pelo dr. José Pontes.

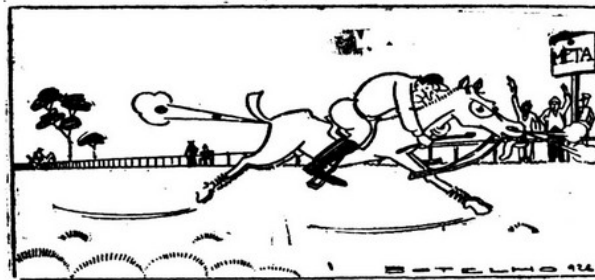
As Walkyrrias da Rua da Rosa—por Cosme Damião, Ribeiro dos Reis, Martins Pereira e Vitor Gonçalves.

Cega-rega das pesetas—por Candido de Oliveira.

A apoteose final, com fogos de artifício, será constituída por um trecho dum desafio amigavel entre o Benfica e o Sporting.

Rebola-A-Bola.

As corridas na Marinha em Cascais



Graças a um bom cavallo... marinho, este "jockey,, bateu o seu adversario por um foelinho.

O desafio amigavel entre o "Benfica" e o "Sporting"



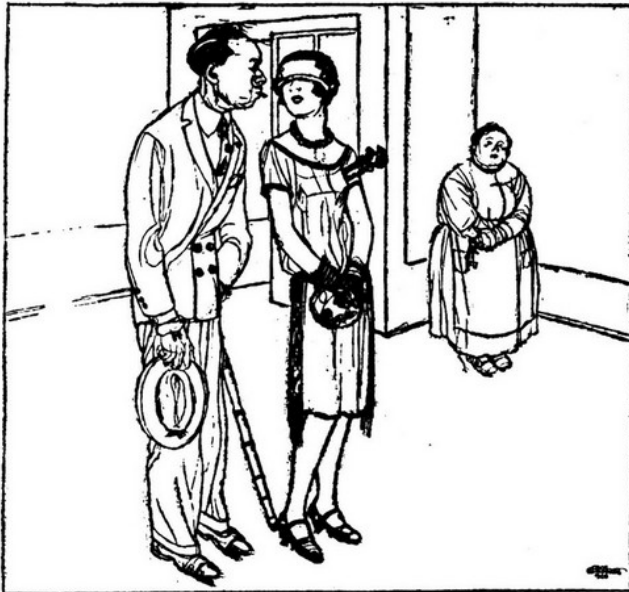
O pé foi substituído pela mão, os jogadores pelo publico e o arbitro pela policia, tendo sido a bola dispensada de intervir



ELA: — Já pagaste a conta?
 ELE: — Estou à espera do teu marido!



— Que diabo tens tu, homem?
 — Ora o que ha de ser?!... Consta-me que vai o Verda a Merida, e eu não posso lá ir...



— Queres a casa de jantar na sala maior?
 Para quê? Nós vamos comer tão pouco!



— Para que se emborracha dessa maneira?
 — Para sentir a mão de Deus, mas até hoje só tenho sentido a mão da policia.

Letra a mais ou letra a menos...



... "Graças a Deus "bamos. todos de saude, bem como a "Russa, e os bacorinhos...



— Bacorinhos é com "b, ou com "v,?...



— Não sei... Pôr letra a mais não fica mal... "Põe-le, as duas que é para ele escolher a que "le, agradar mais...!